

## **Habitação de interesse social, uma questão recorrente: algumas reflexões sobre uma experiência histórica, o caso da Alemanha no primeiro pós-guerra e um outro modo de vida**

**Nara H. N. Machado**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Departamento de Teoria e História da FAU, PUCRS, Brasil

E-mail: nmachado@pucrs.br

« Não podes permanecer neutro em um trem em movimento »  
(Howard Zinn, 2005)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo, através de um estudo de caso, enfocar algumas proposições e realizações no campo habitacional de baixa renda, com o intuito de levantar algumas reflexões que possam contribuir para melhor qualificar experiências atuais. Entre outras possibilidades, optou-se – por sua riqueza de pressupostos, pela validade de alguns de seus paradigmas – por abordar algumas práticas de habitação social ocorridas na Alemanha, no primeiro pós-guerra. Inicialmente, apresento alguns elementos históricos, tendo como eixo o período que se conformou após os inícios da Revolução Industrial, quando aceleram-se as contradições sociais e, no plano habitacional, a carência de moradias. Num segundo momento, abordo especificamente a situação da Alemanha após a Primeira Grande Guerra, tendo como principal enfoque as propostas e realizações no plano da habitação de baixa renda bem como os pressupostos subjacentes às mesmas.

**Palavras-chave:** Habitação de baixa renda; Conjuntos habitacionais populares; Arquitetura moderna.

**Abstract:** The aim of the present work is to look at some propositions and achievements in the field of low income housing, through a case study the intent of which is to raise some considerations that may contribute to better qualifying current experiences. Due to the profusion of presuppositions and to the validity of some of their paradigms, I have chosen to examine some practices of social housing in Germany in the period after the First World War. Firstly, I present some historical elements, focusing on the period that emerged after the rise of the Industrial Revolution. In this period, social contradictions and the lack of housing began to grow significantly. Secondly, I study the specific situation of Germany after the First World War, focusing on the proposals and achievements in the field of low income housing as well as on the presuppositions underlying them.

**Key-words:** low income housing, popular housing developments, modern architecture.

### **1. INTRODUÇÃO**

A importância de um teto, de um abrigo, para o ser humano é quase tão antiga como a própria história da humanidade. Claro, para alguns grupos humanos, certas concepções religiosas, ritualísticas e/ou simbólicas foram e mesmo hoje, são dominantes na organização de um espaço doméstico (COULANGES, p. 39 e segs.). Para outros, são elementos que não têm peso algum. Diferenças marcantes poderão, conforme a cultura enfocada, comparecer na valorização maior ou menor de determinados espaços domésticos, na estruturação e exigência de intimidade, privacidade, segurança e conforto, na configuração de áreas mais ou menos arejadas, mais fechadas ou abertas, na sua relação com o meio circundante, etc. Em decorrência de avanços técnicos vêm ocorrendo aprimoramentos relativamente ao conforto doméstico, apesar de que, mesmo hoje, determinadas noções de comodidade e bem-estar são bastante diferenciadas entre os seres humanos, consoante os envolvidos. Outrossim, a própria noção de grupo familiar e de seus componentes é distinta conforme a comunidade cultural abordada (ELEB, 1999, p. 221-233).<sup>1</sup> Contudo, mesmo com diferenças, já com os antigos egípcios ou romanos – e mesmo antes,

<sup>1</sup> Não cabe, nos meandros desta comunicação, aprofundar este aspecto. Ver especificamente o capítulo IV : « Structure familiale et habitation » da obra de Monique Eleb, *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités : XVII-XIXe siècles*. Paris : Hazan, 1999.

o paradigma de um teto ou seja, de um espaço para o ser humano e sua família, por mínimo que fosse, era perceptível e almejável aos humanos. Como bem colocou Le Corbusier: “Potencialmente, a idéia é constante desde o começo.” (LE CORBUSIER, 1977, p. 43).<sup>2</sup>

A conformação das desigualdades sociais também é quase tão antiga quanto a história do homem: embora não sendo um atributo natural (como alguns até poderiam pensar), constitui-se, sim, enquanto uma decorrência de relações sociais de produção; esquematicamente, na sociedade encontramos os detentores dos meios de produção e aqueles que, para sobreviver, são obrigados a um grau maior ou menor de submissão e dependência em relação aos primeiros. Então, evidentemente, o acesso a um teto foi, no passado, e vem sendo ainda hoje, também diferenciado, segundo o status social, as posses de cada indivíduo e de sua família. Sem entrar nos meandros da teia das relações de produção e de suas modificações ao longo da história, é com o desenvolvimento do sistema capitalista – sob cujo marco ainda vivemos e cuja lógica perversa alguns defendem – que a defasagem entre as necessidades habitacionais de amplos setores da população e sua satisfação vêm se acentuando cada vez mais.

Atualmente, a permanecer o ritmo frenético de crescimento das desigualdades, com a aceleração, em números alarmantes da pobreza a nível mundial, a percepção urbana do futuro pode já ser antevista, sem nenhum exagero, como uma amplificação de agrupamentos humanos com “excesso de população, habitações pobres ou informais, acesso inadequado à água potável e condições sanitárias e insegurança da posse da moradia” (DAVIS, 2006, p. 33), ou seja, como uma crescente conformação de cidades-favelas ou mesmo mega-favelas. Segundo Mike Davis, “desde 1970, o crescimento das favelas em todo hemisfério sul ultrapassou a urbanização propriamente dita”. Só para pegar o exemplo de São Paulo (Brasil), as favelas “cresceram na década de 1990 no ritmo explosivo de 16,4% ao ano” (DAVIS, 2006, p. 27)<sup>3</sup>. Dados alarmantes, com certeza, que remetem à necessidade, cada vez maior, de soluções que dêem conta da complexidade do problema. E, independente das soluções técnicas e espaciais propostas, “a urgência de *quantidade* de habitações” não pode secundarizar “o problema da *qualidade* privada,” (CORNOLDI, 1999, p. 11) o que, aliás, quase sempre acontece.

O presente trabalho tem como objetivo, através de um estudo de caso, enfocar algumas proposições e realizações no campo habitacional de baixa renda, com o intuito de levantar algumas reflexões que possam contribuir para melhor qualificar experiências atuais. Entre outras possibilidades, optou-se – por sua riqueza de pressupostos, pela validade de alguns de seus paradigmas – por abordar algumas práticas de habitação social ocorridas na Alemanha, no primeiro pós-guerra. Inicialmente, apresento alguns elementos históricos, tendo como eixo o período que se conformou após os inícios da Revolução Industrial, quando aceleram-se as contradições sociais e no plano habitacional, a carência de moradias. Num segundo momento, abordo especificamente a situação da Alemanha após a Primeira Grande Guerra, tendo como principal enfoque as propostas e realizações no plano da habitação de baixa renda bem como os pressupostos subjacentes às mesmas.

## 2. ALGUNS BREVES ELEMENTOS HISTÓRICOS

O processo desencadeado pela Revolução Industrial estimulou consideravelmente o crescimento das cidades assim como o surgimento de novas conurbações. Este desenvolvimento trouxe e/ou amplificou, no seu bojo, inúmeros problemas tais como a ausência mínima de infraestrutura, a densificação caótica dos núcleos centrais das cidades existentes, a saturação do tráfego urbano e, o que não é secundário, uma importante segregação social. No campo da habitação, aumentou a proliferação de habitações miseráveis,

<sup>2</sup> Ver também RYKWERT, Joseph. *La casa de Adán em el paraíso*. Trad. por Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1974, p. 172.

<sup>3</sup> Mike Davis refere as soluções criativas – ou será desesperadas – que muitos indivíduos ou famílias utilizam para resolver seu problema de ter um teto, tais como, na Cidade dos Mortos, em Cairo, a utilização de antigas sepulturas como habitação mínima. Não se pode deixar de lembrar o outro lado da medalha, aquilo que poderíamos chamar de “cidades de condomínio fechados”, alguns extremamente sofisticados e luxuosos, verdadeiros mundos à parte. Ver: DAVIS, op. cit., p. 40 e segs.

de cortiços bem como o ganho fácil para os investidores nesta área (BENÉVOLO, 1976, p. 19 e segs.; RAGON, 1971, p. 31 e segs; RYKWERT, 2004, p. 104 e segs.).

Na configuração da cidade da sociedade industrial, entre as mudanças que o ser humano vivenciou, sobretudo as camadas mais despossuídas, pode-se ter presente, conforme destaca Maria Stella Bresciani, as “perdas” do indivíduo, confrontado à vigência de uma nova concepção de tempo, à modificações nas atividades de trabalho, à impessoalidade das relações de mercado e à perda do *habitat* tradicional, “onde toda família encontrava condições de trabalho e onde a vida não aparecia cindida em tempo de patrão e lugar de trabalho contrapostos a tempo de descanso e lugar de morar.” (BRESCIANI, 1985, p. 37 e segs.). No que toca à construção de habitações, no geral levada à cabo por grupos de especuladores, invariavelmente foi perseguida a ótica do máximo lucro. Conforme lembra Benévolo, nos novos bairros operários, em termos de conseqüências concretas, têm-se “a insalubridade, o congestionamento, a feiúra.” (BENEVOLO, p. 74). A cidade moderna pode ser vista como “o lugar onde acumulam-se homens despojados de parte de sua humanidade” (BRESCIANI, 1985, p. 39).

É nesse momento – a partir dos primeiros decênios do século XIX – que amplificaram-se, por um lado, a denúncia contundente à deterioração crescente das cidades e, por outro, a consciência da necessidade de encontrar soluções, tanto em termos de iniciativas para promulgação de legislações sanitárias e urbanísticas eficientes como no âmbito de reformulações urbanas, maiores ou menores, nas cidades existentes. Esquemáticamente, pode-se dizer que as soluções aventadas foram basicamente de duas ordens: aquelas que negavam a cidade existente, visualizando a criação de um novo espaço urbano onde os ditames da sociedade industrial seriam atenuados ou não compareceriam. E aquelas que tentaram incidir sobre a cidade existente, intervindo sobre a mesma, em parte ou no todo.

No primeiro caso, cabe lembrar, entre outros, nos primeiros cinco decênios do século XIX, o modelo urbano de convivência ideal elaborado por Robert Owen (que ele tentou implementar, concreta mas infrutiferamente, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos), o complexo esquema do falanstério aventado por Charles Fourier, cuja realização mais completa pode ser vislumbrada no familistério de J.B. Godin, em Guisa (França) e, já no final dos oitocentos e inícios do século XX, as proposições de um Ebenezer Howard, com seu conceito de cidade-jardim, conjugando o pólo rural e urbano; ainda, podem ser resgatadas as idéias de Tony Garnier, com sua proposição para uma cidade-industrial (concretizada parcialmente na cidade de Lyon, França), na qual reivindica, assim como Howard, exigências básicas para o ambiente humano, tais como preceitos higiênicos (ar, sol, vegetação, áreas abertas) e a idéia de cidade-parque, entre outros elementos (BENÉVOLO, 1976, p. 173 e segs; p. 330 e segs; CURTIS, 2008, p. 241 e segs; RAGON, 1971, p. 61 e segs).

Já entre as intervenções diretas na cidade real, além das reformulações urbanas ocorridas em Viena e Barcelona, é, sobretudo, a controvertida intervenção impetrada pelo barão Haussmann em Paris, em meados do século XIX, que desponta como a mais contundente, servindo mesmo de mola-mestre e motivo inspirador para tantas outras (BENÉVOLO, 1976, p. 114 e sgs; RAGON, 1971, p. 84 e segs.).

Mas, também, a partir dos desdobramentos da Revolução Industrial e da afirmação da burguesia enquanto classe social, foram modificando-se, substancialmente, a partir do final do século XVIII e, em especial, ao longo do século XIX, as noções de espacialidade doméstica envolvendo intimidade e conforto, sobretudo a partir das contribuições oriundas da Grã-Bretanha. (CORNOLDI, 1999, capítulo 2). Paralelamente, a moradia conjunta, verticalizada, individual mas, ao mesmo tempo, coletiva – o imóvel destinado a apartamentos – começa a se afirmar: “a densidade da população urbana gera a justaposição e superposição das unidades de habitação.” (GAITE, 2006, p. 11). Com cerca de sete andares, em sua organização e ocupação podem ser identificadas as diferenças sociais existentes na própria classe dominante e entre setores da classe média. Os pavimentos inferiores são, num primeiro momento, os mais valorizados; o último andar, destinado aos empregados domésticos, lembra, em sua estruturação e equipamento, as moradias da população mais carente. Com a posterior e gradativa introdução do elevador no âmbito doméstico, esta lógica deixará de existir (GUERRAND, 1991, p. 338-339).

Nas moradias (tanto em apartamentos como residências), bem-entendido com diferenciações, podem ser identificados cada vez mais claramente os espaços destinados às sociabilidades (salões e salas de jantar); aqueles vinculados à intimidade familiar; e, finalmente, as áreas secundarizadas ou de rejeição (cozinhas e banheiros). No que toca às últimas, sua gradativa valorização estará condicionada, em grande parte, ao longo do século XIX e inícios do século XX, aos avanços científicos no plano da higiene e à promulgação de legislações tendo em vista o saneamento básico, ressaltando-se o já mencionado papel pioneiro da Grã-Bretanha na questão.

No outro lado da medalha, as chamadas “classes perigosas” – o populacho – serão gradativamente expulsas das áreas centrais urbanas para a periferia e “pouco a pouco, em cada cidade de certa importância, será possível distinguir setores inteiros com ruas ‘bem habitadas’ e um gueto proletário onde os membros das classes superiores não poderão jamais pôr os pés.” (GUERRAND, 1991, p. 326).

### 3. O CASO DA ALEMANHA NO PRIMEIRO PÓS-GUERRA

#### 3.1. As utopias do primeiro momento

Na Alemanha, como em outras cidades européias, após a Revolução Industrial e, sobretudo, no imediato período que antecede a 1ª Guerra Mundial, tem-se um grande crescimento das cidades, decorrência da atração exercida pelas mesmas sobre grandes contingentes da população que nelas vislumbravam melhores possibilidades de trabalho. Contudo, diferentemente de outros locais, como, por exemplo, as cidades francesas, onde os bairros populares cresciam ao acaso, nas cidades alemãs houve uma tentativa de responder racionalmente ao problema de organizar os espaços populares. Neste sentido, as *Mietskasernes* (prédios de apartamentos para alugar), tanto anteriores como imediatamente posteriores à guerra, foram pensadas em termos de *conter* (abrigar não é, com certeza, a palavra mais adequada) o maior número de pessoas em espaços mínimos, para os quais, certamente, o qualificativo *degradante* poderá parecer elogioso (KOPP, 1990, p. 29-30; RYKWERT, 1974, p. 105).

Tratavam-se, esquematicamente, de exíguos apartamentos (quarto e cozinha), em edificações de cinco ou seis andares, separadas entre si por minúsculos espaços abertos nos quais, em geral, encontravam-se as latrinas coletivas e pontos de água. Frequentemente, o porão também era utilizado para moradias. A preocupação com insolação, aeração e aquecimento mínimos estava inteiramente ausente do abecedário dos investidores e/ou construtores, preocupados com outra lógica habitacional, aquela da rentabilidade máxima.

No imediato pós-primeira Guerra Mundial, face aos impactos do conflito e às necessidades por ele geradas, aumentam o déficit habitacional assim com as dificuldades enfrentadas pela população em geral, sobretudo a mais carente, envolvendo também setores das classes médias (JAEGGI, 1994, p. 104). Em que pese, por um lado, a desesperança ocasionada pela guerra e seus funestos efeitos, emergiu, por outro lado, um grande entusiasmo e euforia face às primeiras conquistas sociais e políticas da Revolução Russa e à possibilidade concreta de implementar algo parecido em solo germânico.

Artistas, literatos e arquitetos não ficaram à margem desta euforia inicial, e, salvo exceções, participaram intensamente de vários grupos político-artísticos então criados, como o *Arbeitsrat für Kunst* (Conselho de Trabalho para a Arte ou Conselho dos Trabalhadores da Arte), que surgira em 1918 e cujo Comitê de Arquitetura teve como diretor, num primeiro momento, o arquiteto expressionista Bruno Taut. O caráter utópico de vários projetos foi defendido e assumido conscientemente pelos integrantes do grupo nos marcos de experimentações direcionadas a uma obra de arte total e coletiva, dirigida para o povo, uma vez que, conforme Adolf Behne:

quem aprofunda o pequeno não é capaz de fazer verdadeiramente bem o pequeno.  
Somente do grande pode vir o pequeno, o todo compreende a parte. O conjunto é  
o objetivo de nosso trabalho (BEHNE apud FUSCO, 1992, p. 251).

Em 1919, os membros do grupo implementaram uma exposição dedicada aos arquitetos desconhecidos que, na verdade, consistia numa apologia à utopia. Tratava-se, conforme uma carta de março de 1919, do *Arbeitsrat für Kunst*, de “[...] construir um ideal para o futuro [...]”, de impulsionar um *Neues Bauen* (Novo Construir) aonde a questão da habitação popular tomaria um lugar central (KOPP, 1990, p. 29).

A *Gläserne Kette* (A Cadeia de Vidro) foi um agrupamento paralelo reunindo vários arquitetos cujo denominador comum seria a busca do rompimento com as normas da arquitetura acadêmica. O objetivo do grupo seria trocar idéias utópicas, pensar e falar sobre arquiteturas impossíveis, estabelecendo, inclusive, comparações com movimentos como o futurismo e o construtivismo russo. Pode ainda ser lembrado o *Novembergruppe* (Grupo de Novembro, cujo nome faz alusão à data da Revolução Russa), que teria, em seu período inicial uma orientação política bastante radical, buscando vincular arte e povo, agrupando cubistas, futuristas e expressionistas.<sup>4</sup>

Portanto, tem-se um primeiro momento, no qual se destacaram experimentações de cunho utópico, conforme Walter Gropius, em 1919:

Somos os precursores daquilo que merecerá mais tarde de novo o nome de arquiteto, pois significa: mestre da arte que transforma os desenhos em jardins e que amontoa maravilhas até o céu. Pintores e escultores, quebrai as barreiras que vos separam da arquitetura e buscai, conosco, o objetivo último da arte: a concepção criadora da catedral do futuro que compreenderá a arquitetura, a escultura e a pintura (GROPIUS apud RAGON, 1972, p. 62).

### 3.2. O Novo Construir e algumas realizações concretas

Um segundo momento pode ser identificado após a subida da social-democracia ao poder, em 1921, quando o ímpeto revolucionário inicial, no plano político, começou a ceder espaço às tentativas reformistas. Sem entrar na questão de fundo referente às mudanças de linha política do Partido Social-Democrata Alemão (já presentes em 1914, com sua adesão ao nacionalismo alemão que significou, concretamente, sua adesão ao militarismo alemão), houve, nos anos vinte, em seu seio, entre alguns de seus integrantes, uma grande preocupação em manter a identificação com um projeto de construção de uma nova sociedade. Questões como “o homem novo”, “a nova vida”, “as novas formas de habitação”, “a cidade do futuro” foram recorrentes entre muitos de seus membros, envolvendo grande número de arquitetos. Retomavam-se, com maior ímpeto, preocupações já existentes antes da guerra, nos marcos da própria social-democracia e também calcadas em movimentos como a *Deutscher Werkbund*, nas pesquisas (frequentemente utópicas) realizadas por integrantes do já referido grupo *Arbeitsrat für Kunst*, nas fortes influências oriundas da cidade-jardim de Ebenezer Howard em solo alemão (com a valorização de um habitat próximo à natureza, a *Gartenstadt*) e, ainda, num movimento feminista bastante atuante e preocupado com a questão habitacional (MILLER-LANE, 1985, p. 87-124; KOPP, 1990, p. 26-41; p. 42-73).<sup>5</sup>

Ou seja, a idéia de um *novo construir* é intensa entre numerosos arquitetos engajados na possibilidade de dar um novo rumo às necessidades habitacionais, identificando mesmo um movimento com esta denominação – *Neues Bauen* –, no qual várias tendências vinculadas à promoção do ideário moderno podiam ser encontradas. Neste tocante, é impossível não lembrar a associação de arquitetos, fundada em Berlim, em 1923, vinculada a este ideário, agrupando, no seu início, arquitetos como Peter Behrens, Otto Bartning, Hans Poelzig, Mies van der Rohe, Hugo Häring, Martin Wagner, Erich Mendelsohn e Bruno Taut. Em 1926, já com o nome de *Der Ring* (O Círculo), ampliam bastante suas fileiras, com a adesão de Walter Gropius, Hans Scharoun, entre outros, sempre preocupados com a promoção de uma arquitetura moderna. Contudo, salvo exceções, a arquitetura era pensada como algo maior que um estilo, envolvendo injunções sociais, políticas e morais na maneira de pensar e realizar as edificações.<sup>6</sup>

No âmbito da República de Weimar, foram os *Siedlungen* que expressaram com mais força a possibilidade de concretização das aspirações destes arquitetos, conjugando “as preocupações dos militantes operários com as dos novos militantes da arte do futuro” (KOPP, 1990, p. 33). Tratam-se de

<sup>4</sup> Alguns anos mais tarde, o *Novembergruppe* orientar-se-á à “busca de objetividade e correção”, nos marcos de uma *Neue Sachlichkeit* (Nova Objetividade) mas ainda com implicações políticas.

<sup>5</sup> Ver, especificamente: MILLER-LANE, Barbara. *Architecture and politics in Germany, 1918-1945*. London /Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1985, capítulo IV: “The new architecture in the service of society”, p. 87-124; e KOPP, op. cit., capítulos II: “Do Império Alemão à República de Weimar” e o capítulo III, “Em direção ao sol, em direção à liberdade...”.

<sup>6</sup> Não cabe, nos meandros deste artigo, entrar nas tensões que aparecerão no seio desta associação, geradas sobretudo a partir da visão defendida por alguns da autonomia das formas artísticas.



conjuntos habitacionais populares (vilas operárias) que começaram a ser construídos na periferia das cidades, a partir de meados dos anos vinte até 1933. Incentivados pelo poder público através de empréstimos estatais às cooperativas públicas de construção, no geral sem finalidades lucrativas, associaram modalidades diversas de funcionamento; muitos também foram impulsionados por organismos sindicais. Tais diretrizes habitacionais, implementadas pela social-democracia e sindicatos, sobretudo entre 1926 e 1930, “far[ão] com que a Alemanha seja o país onde a política de habitação social seja a mais avançada de toda Europa.” (KOPP, 1990, p. 44)

Foram muitos os conjuntos habitacionais então empreendidos. Nos debates em pauta, tratava-se, quase sempre, da defesa de habitações mínimas para cobrir os déficits habitacionais existentes sem, contudo, abrir mão da qualificação do espaço proposto. Organizados nos moldes racionalistas, apresentavam, no âmago de sua concepção, a plena valorização da necessidade de insolação, vegetação, circulação e de uma organização interna que respondesse às necessidades básicas das famílias envolvidas. Ainda, envolviam modificações nas próprias percepções vigentes do habitar, através da utilização de equipamentos coletivos tais como lavanderias, escolas, restaurantes, playgrounds, entre outros.

Neste sentido, a planificação racional desses espaços, com a simplificação das tarefas domésticas, foi exigida crescentemente com o objetivo de criar uma *Neue Wohnkultur* (uma nova cultura da habitação), negando tanto a residência burguesa como o cortiço tradicional (KOPP, 1990, p. 53 e segs). É importante destacar que a cozinha foi pensada, inicialmente, em termos coletivos, mas esta proposição não foi teve sucesso nos *Siedlungen* construídas durante a República de Weimar, pois as famílias acabavam preferindo cozinhas individuais. Ou seja, os usuários – através de seus representantes em organismos governamentais e nas cooperativas envolvidas com a prática habitacional – podiam, mesmo de maneira limitada, atuar, ter voz ativa no processo de concepção das habitações, principalmente naquelas produzidas entre 1926 e 1930 (KOPP, 1990, p. 44). Ainda, se as cozinhas coletivas não prosperaram, aquelas individuais foram objeto de sucessivas experimentações por parte de vários arquitetos, empenhados em soluções funcionais, com proposições de verdadeiras “máquinas-cozinha” (GIEDION, 1980).

Na visão dos arquitetos engajados com a produção arquitetônica dos conjuntos habitacionais, tratar-se-ia de fazer algo novo, uma arquitetura moderna lógica, “[...] porque somos o movimento de amanhã, um movimento progressista e que, por isso, não pode realizar uma arquitetura que pertence ao passado” (TAUT apud KOPP, 1990, p. 60). Neste contexto, entre outras, são principalmente Frankfurt e Berlim as cidades alemãs que, ao longo dos anos 20, recebem maior número de subvenções para construção de moradias de interesse social. Em todos os casos, as diretrizes são mais *luz, ar e sol!*

Frankfurt foi a primeira cidade a realizar um programa mais acabado de habitações públicas em larga escala,<sup>7</sup> com a destacada participação do arquiteto Ernst May como diretor das construções municipais (BENÉVOLO, 1976, p. 488; LAMAS, 2000, p. 331 e segs).<sup>8</sup> Responsável direto por vários conjuntos habitacionais, May recebe influências de Raymond Unwin e das cidades-jardins inglesas, adotando, em Frankfurt, premissas da arquitetura moderna como as mais apropriadas para as necessidades habitacionais. Entre outros, podem ser citados, sob sua responsabilidade, naquela cidade, vários conjuntos de moradias populares como aqueles de *Bruchfeldstrasse*, de *Riedhof-West* (1927-1928), de *Praunheim* (1928) e de *Römerstadt* (1927-1928). Edifícios em zigue-zague (como em *Bruchfeldstrasse*), utilização da cor, jogos de volumes, valorizações curvas e náuticas (como no expressivo conjunto de *Römerstadt*) são alguns recursos utilizados pelo arquiteto, nem sempre com sucesso, para quebrar os efeitos adversos da ampla padronização formal.

<sup>7</sup> Aliás, não por acaso foi esta cidade que sediou o segundo congresso dos CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), em 1929, cuja temática, justamente, foi a *Existenzminimum* (habitação mínima).

<sup>8</sup> Antes de 1914, Ernst May havia trabalhado diretamente com Raymond Unwin na Inglaterra e, posteriormente, havia dirigido programas de construções comunitárias em Magdeburgo, na Alemanha. Em 1930, ele irá para a então União Soviética onde ficará até 1934. Após um longo período na África, ele retorna à Alemanha em 1953, quando retoma, em várias cidades, responsabilidades como arquiteto em programas habitacionais.



Conjunto habitacional *Römerstadt* (Frankfurt) Fonte: MILLER-LANE, 1985, p. 100.

Em Berlim, cabe lembrar os gigantescos conjuntos habitacionais *Hufeisen-Siedlung* (Berlim-Britz, 1925-1931) e *Waldsiedlung* (Berlim-Zehlendorf, 1926-1932), (1928-1930), ambas realizações do “projetista da solidariedade” (HAUBRICH; HOFFMANN; MEUSER, 2006, p. 137), o arquiteto Bruno Taut,<sup>9</sup> vinculado, desde 1924, à GEHAC (sociedade de caráter comunitário dedicada à construção de habitações).

Nestas realizações, fica evidente a preocupação de Bruno Taut com a busca da individualização das edificações, o que, aliás, ele já externava anteriormente, em escritos dos inícios do início dos anos 20, ainda em sua fase plenamente expressionista, ao explicitar que a habitação humana, para ele, “é sempre singular” e que, quando confrontadas várias comunidades vizinhas, deve haver “uma transformação infinitamente variável dos [...] componentes essenciais da casa.” (TAUT, 1997, p. 251). Assim, por exemplo, o conjunto *Hufeisen-Siedlung*, projeto conjunto com o arquiteto Martin Wagner (conselheiro para o urbanismo de Berlim), que abrigava tanto casas quanto edifícios de apartamentos geminados, pode, por um lado, ser considerado com um exemplo de construção estandarizada, com o evidente intuito de redução de custos. Entretanto, para evitar a idéia de mesmice, os arquitetos propuseram formulações espaciais curvas (a tão preferenciada sinuosidade expressionista) assim como utilizaram abundantemente a cor e, ainda, tijolos à vista. Os esboços dos jardins são do arquiteto Leberecht Migge (HAUBRICH; HOFFMANN; MEUSER, 2006, p. 121; CURTIS, 2008, p. 251).

Ainda, em Berlim, entre outros exemplos, cabe enfatizar a importância do complexo habitacional *Siemensstadt*, efetuado a partir de 1928, sob a responsabilidade do arquiteto Martin Wagner e envolvendo diretamente profissionais como os arquitetos Walter Gropius, Hugo Häring, Otto Bartning, Paul Rudolf Henning, Fred Forbat, Hans Scharoun e Leberecht Migge (responsável pelo espaços verdes), todos vinculados ao agrupamento “Der Ring”, tido, conforme já referido, como um dos importantes pólos aglutinadores de arquitetos vinculados à arquitetura moderna. Sobretudo Scharoun pode ser lembrado pelo plano geral de urbanização, no qual evita soluções esquemáticas e repetitivas, intercalando fileiras de edificações de tamanhos variados, edificações retas com curvas, o conjunto constituindo “um dos melhores exemplos de solução criativa e heterogênea para evitar a monotonia do estilo por filas que podemos encontrar na arquitetura moderna.” (SYRING; KIRSCHENMANN, 2004. p. 41).<sup>10</sup>

9 Com uma rica trajetória pessoal e profissional, vinculado ao ideário socialista e à defesa de uma arquitetura de cunho expressionista (numerosos escritos seus podem, mesmo, serem vislumbrados enquanto manifestos do expressionismo), Bruno Taut fez parte do *Novembergruppe*, do *Arbeitsrat für Kunst*, da *Gläserne Kette* e de *Der Ring*, agrupamentos referidos anteriormente.

<sup>10</sup> Ver também: HAUBRICH; HOFFMANN; MEUSER, op.cit., p. 133-134.



Complexo habitacional *Siemensstadt* (Berlim) Fonte: HAUBRICH; HOFFMANN; MEUSER, 2006, p. 133.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ascensão do nazismo impediu o pleno desenvolvimento das experiências habitacionais na Alemanha, após o primeiro pós-guerra. Sem ter a pretensão de realizar, no presente trabalho, um inventário da produção de habitação social então em curso naquele país, é importante salientar que as experimentações ocorridas foram particularmente ricas pela idéia, predominante entre grande número dos defensores de uma nova arquitetura, da possibilidade de construção de uma nova ordem social em outros marcos que aqueles do sistema capitalista. Certamente, outras experiências poderiam ser levantadas – como os conjuntos habitacionais holandeses dos primeiros trinta anos do século passado (sobretudo, aqueles efetuadas por J. J. Oud) ou as *hoff* vienenses, com destaque para o expressivo conjunto *Karl-Marx-Hoff*, projetado por Karl Ehn, em 1927 – enquanto visão de reformulação do mundo, através da idéia básica de uma nova arquitetura, de cunho racional.

Cabe ainda destacar que a experiência alemã possibilitou, para numerosos profissionais vinculados ao *Novo Construir*, o amadurecimento e afirmação do arquiteto enquanto um organizador de espaços racionais associado à construção de uma sociedade mais justa (alguns comungando com o ideário socialista; outros, nem tanto). Neste sentido é que compareceu a defesa da padronização, empreendida por muitos, no quadro das crescentes possibilidades industriais; também abriu espaço a visão da casa enquanto *máquina de morar*, conforme queria Le Corbusier. A questão funcional tampouco foi secundária nos novos conjuntos habitacionais, envolvendo a adoção de equipamentos coletivos como lojas cooperativadas, creches, jardins de infância e lavanderias no âmago da tentativa de socialização de certas tarefas domésticas normalmente executadas pelas mulheres.<sup>11</sup>

Finalmente, a partir do estudo realizado, algumas questões podem ser levantadas, tais como se a construção da habitação de interesse social deve ser encarada de forma lucrativa, ou seja, se a habitação de interesse social pode ser considerada uma mercadoria como tantas outras. Na Alemanha, no período considerado, não parece ter sido esta a ótica de implementação de construção de habitações populares. Também, a importância da participação do usuário no processo de definição da moradia pode ser lembrada, o que, mesmo em termos insuficientes, ocorreu nos exemplos aqui enfocados. Atualmente, esta participação vem ocorrendo? Será que não é importante que o usuário seja consultado minimamente sobre como pensa a sua moradia? E, se concordarmos com esta participação, como efetivá-la ou organizá-la hoje?

Ainda, a grande uniformidade formal dos conjuntos habitacionais requer, de meu ponto de vista, uma maior reflexão, em que pese a preocupação de alguns arquitetos, conforme foi visto em alguns exemplos,

---

<sup>11</sup> Esse aspecto foi destacado por vários autores como, por exemplo, MILLER-LANE, op. cit., capítulo 2; KOPP, op. cit., p. 51.



de fugir à padronização formal.<sup>12</sup> Na verdade, esta crítica é pertinente para muitos dos conjuntos habitacionais realizados na época contemporânea e diz respeito ao quase recorrente despreparo dos arquitetos para a resolução da habitação de baixa renda, uma vez que no geral estão mais preocupados com as obras de caráter monumental, excepcional. É importante ter presente que a dimensão de paradigma que ficou registrada para certos casos particulares bem ultimados, tanto ontem como hoje, remete para a idéia de exceção (GAETE, 2006, p. 13). Ou seja, os exemplos exitosos, parcial ou totalmente, são ou foram exceções no contexto das atitudes e práticas relativas às realizações envolvendo habitação de baixa renda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. Trad. por A. M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins, “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)”. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 5: Cultura e Cidades, n° 8/9, set. 1984/abril 1985.
- ELEB, Monique (avec Anne Debarre). *Architectures de la vie privée: maisons et mentalités : XVII-XIXe siècles*. Paris : Hazan, 1999.
- CORNOLDI, Adriano. *La arquitectura de la vivienda unifamiliar: manual del espacio domestico*. Trad. por Antoni Solanas i Cànovas. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- COULANGES, Fustel. *La Cite antique*. Paris: Flammarion, 1984.
- CURTIS, William. *Arquitetura moderna desde 1900*. Trad. por Alexandre Salvaterra. 3° ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Trad. por Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FUSCO, Renato de. *Historia de la Arquitectura Contemporanea*. Madrid: Celeste Ediciones, 1992.
- GAETE, Arnoldo. *El proyecto de la vivienda económica*. Buenos Aires: Nobuko, 2006.
- GIEDION, S. *La Mécanisation au pouvoir*. Tome III: *La Mécanisation à la maison*. Trad. por Paule Guivarch. Paris: Centre Georges Pompidou, 1980.
- GUERRAND, Roger-Henri. “Espaços privados”. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada*. T. 4: *Da Revolução Francesa à 1ª Guerra*. Trad. por Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HAUBRICH, Rainer; HOFFMANN, Hans Wolfgang; MEUSER, Philipp. *Berlin: the architecture guide*. Trad. por Fremdspracheninstitut Dresden. Berlin: Verlagshaus Braun, 2006.
- JAEGGI, Annemarie. “Siemensstadt, um urbanismo audaciosos”. In: RICHARD, Lionel (Org.). *Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade*. Trad. por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. Trad. por Edi G. de Oliveira. São Paulo: Nobel, 1990.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Gulbenkian, 2000.
- MILLER-LANE, Barbara. *Architecture and politics in Germany, 1918-1945*. London/ Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1985.
- RAGON, M. *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes*. Tome 1: *Idéologies et pionniers. 1800-1910*. Tournai (Belgique): Casterman, 1971.
- RAGON, M. *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes*. Tome 2: *Pratiques et méthodes. 1911-1971*. Tournai (Belgique): Casterman, 1972.
- RYKWERT, Joseph. *La casa de Adán em el paraíso*. Trad. por Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.
- RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. Trad. por Valter L. Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>12</sup> Na época, alguns justificaram a grande uniformidade formal “como expressão da igualdade de todos em matéria de habitação”, conforme KOPP, 1990, p. 51.

SYRING, Eberhard; KIRSCHENMANN, Jörg. *Hans Scharoun, 1893-1972: proscrito de la modernidad*. Trad. por M. Latido. Colônia: Taschen, 2004.

TAUT, Bruno. *Escritos: 1919-1920*. Trad. do alemão por M. Dolores Abalos. Madrid: El Croquis Editorial, 1997.